

# HISTÓRIA E PATRIMÔNIO: SANTOS, DEVOTOS E RITOS NA TRADIÇÃO BRASILEIRA

*Ariane dos Santos Lima ( bolsista ICV) ,Áurea Paz Pinheiro ( Orientadora, Depto de Geografia e História – UFPI)*

## **Introdução**

O estudo das religiões e religiosidades apresenta-se como importante meio de entender as faces da poliédrica cultura brasileira. Transitar pelos caminhos da fé e da devoção nos permite identificar e compreender sistemas simbólicos capazes de interpor-nos maneiras de ver e sentir uma presença multicultural em constante reinvenção das identidades brasileiras. Nessa perspectiva, este trabalho tem por finalidade apresentar os resultados de pesquisa desenvolvida a partir das atividades do Projeto “HISTÓRIA E PATRIMÔNIO: santos, devotos e ritos na tradição brasileira” do Programa de Iniciação Científica Voluntária – ICV/2009-2010/UFPI e das atividades do Grupo de Pesquisa/CNPq “Memória, Ensino e Patrimônio Cultural”. A proposta do trabalho foi Identificar e analisar tradições religiosas e culturais presentes nas Irmandades Católicas, a partir de resoluções que aprovavam os compromissos daquelas instituições. Dialogamos com conceitos e métodos da História Cultural e Social na medida em que procuramos na manifestação da cultura religiosa as performances sociais forjadas no seio da sociedade piauiense. Reconhecemos no espaço religioso símbolos, sentidos e significados que nos informam sobre sentimentos e temores daqueles sujeitos nos espaços de sociabilidades por eles criados.

## **Metodologia e fontes**

No primeiro momento, o levantamento bibliográfico consistiu na identificação e leitura crítica de uma bibliografia que subsidiou a compreensão do tema, o que incluiu o levantamento de produções textuais que informam sobre o objeto da pesquisa, ou seja, uma revisão de literatura detalhada. É a partir da leitura de trabalhos já elaborados por especialistas sobre o tema que as nossas inquietações são aguçadas, o que possibilitou uma atitude de questionamentos diante das fontes.

A pesquisa documental foi realizada em dois espaços principais. O Mapeamento das fontes que consistiu na localização, registro fotográfico e transcrição de fontes documentais do Arquivo Público do Piauí e dos micro-filmes do NUPEM/UFPI. O trabalho de identificação das fontes documentais ocorreu ao longo dos primeiros seis meses da pesquisa com a realização concomitante das atividades:

- Inventário do número de associações religiosas leigas no Piauí;
- Identificação e registro fotográfico das resoluções que aprovavam os compromissos das Irmandades;

- Leitura do acervo de micro-filmes no NUPEM – os periódicos no século XIX.

Ao mesmo tempo em que realizei a identificação e sistematização das fontes, analisei o seu conteúdo e elaborei uma abordagem teórica nos encontros realizados com o Grupo de Pesquisa “Ensino, Memória e Patrimônio Cultural” permitindo, assim, uma eficaz troca de saberes e amadurecimento intelectual da abordagem utilizada na pesquisa.

## **Resultados e Discussão**

Difícil definir o Piauí. Pretendo apresentá-lo como que a um estrangeiro, mostrá-lo na sua complexidade, defini-lo no que diz respeito às sensibilidades religiosas, a multiplicidade de expressões. De onde viria a espiritualidade da gente piauiense?

A compreensão parte de algo essencial - a herança cultural do cristianismo. A piedade católica, a devoção popular nasce da presença colonizadora portuguesa nas Américas. Falamos dessa religiosidade de forma específicas através das irmandades.

A historiografia brasileira possui uma extensa literatura acerca das Irmandades católicas, tendo, em sua maioria, destaque para as irmandades católicas de devoção negra. Essa ampla e rica bibliografia revela a presença dessas agremiações em todo o território da América Portuguesa e Brasil Império e até mesmo no período republicano, onde já praticamente inexistiam.

As confrarias eram grupos de católicos que se reuniam para promover devoção ao santo padroeiro – o orago. Surgidas na Idade Média, às irmandades derivam das corporações de ofícios. “[...] seguiam o modelo das guildas de marcadores e artesãos e se agrupavam para praticar ajuda mútua e garantir os funerais dos defuntos, expressando a solidariedade entre os membros desde sua admissão” (TAVARES, 2008, p. 144).

Neste trabalho, nos referimos às confrarias, irmandades e agremiações em um mesmo sentido, entendendo como grupos de leigos que se reuniam em devoção ao santo padroeiro das comunidades e que organizavam atividades de ajuda mútua, enterramentos e festividades religiosas.

As irmandades organizaram-se de forma autônoma em relação ao clero. Em virtude disso foram fundamentais para a propagação da fé católica no Brasil Colônia já que era pouco o número de clérigos para as dimensões territoriais da Colônia. O que se destacava nas confrarias era o aspecto devocional e o caráter leigo. Essas agremiações, em geral, possuíam estrutura organizacional em torno de estatuto que previa suas atribuições e compromissos. Dentre as mais comuns à promoção de “eventos” em homenagem ao santo de devoção, procissões, novenários, festejos; assistência aos irmãos e organização de cortejos e ritos fúnebres .

O que definia, portanto, as normas e atividades da associação, ou seja, os direitos e deveres de seus membros eram os estatutos mais conhecidos como compromissos, que

deveriam ser aprovados por Lei. A irmandade tinha autonomia para administrar seus bens, que consistiam na arrecadação junto aos seus associados de jóias e esmolas. A principal atividade era manter a devoção ao orago, da organização do culto ao cuidado com capela. Na ausência de capela própria, as irmandades se reuniam em outros espaços, como alteres laterais de outras confrarias, até angariar recursos para a construção da capela própria.

Essas agremiações agiam para além da prática religiosa. Seus membros criaram sociabilidades, laços de solidariedade e ajuda mútua. Como podemos evidenciar, através da bibliografia e da documentação consultada, nos ritualísticos sepultamentos dos membros das confrarias, nas missas e orações pelas almas dos falecidos, na assistência aos órfãos e viúvas e nas pomposas festas dedicadas.

## **Conclusão**

A minha proposta enquanto historiadora era conhecer um elemento que constitui uma face das mais emblemáticas das identidades piauiense. Através dessa intenção, entendi a “gente piauiense” carregada por um substrato cultural marcadamente informado por um sentimento religioso a ponto de nos saltar dos olhos a força tamanha tradição das origens coloniais a atualidade.

Vi que em um momento onde por todo o país a atuação dos grupos religiosos leigos enfraquecia, no Piauí parecia um florescimento dada a infinidade de devoções registrado entre os anos de 1843 a 1874.

Compreendi ainda, como em outras regiões do país, que a intenção ultramontana de se colocar enquanto voz única nos que diz respeito ao culto católico não logrou êxito. Reconheço o forte poder da instituição, no entanto o papel de único não se efetiva diante de uma população que não se apresenta de forma passiva como simples receptáculos. Não é imposta uma identidade religiosa homogênea, mas um catolicismo plural entre brancos , pardos e pretos.

Não objetivei escrever “A história das irmandades no Piauí”. O que busquei foi realizar uma reflexão sobre os espaços das irmandades os atores, os sentidos, propósitos e tensões desses espaços subsidiando um panorama do que teria sido o universo sócio-cultural no Piauí tendo como esteio as confrarias e a religiosidade dentro das limitações que me foi imposta pelas fontes que tive acesso e da difícil tarefa de buscar o saber histórico.

Talvez dessa minha intenção que agora reconheço ousada, pretensiosa e até mesmo ingênua só tenha dado o passo inicial, que ainda falta muito que se pesquisarem para alçar tamanho projeto. A ansiedade de uma jovem pesquisadora em alguns momentos tenha encoberto a percepção agora evidente que a pesquisa histórica sempre se apresenta incompleta. Diante disso nesse difícil exercício conclusivo o ponto terá mais sentido de reticências dada a infinidade lacunas a serem preenchidas no que diz respeito a constituição e manutenção da religiosidade piauiense nos espaços das irmandades.

## Referências

ABREU, Marta. O Império do Divino - Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GEERTZ, Cliford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.  
Ribeiro, Emanuela Sousa. O poder dos leigos: Irmandades religiosas em São Luis no século

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: MELO E SOUSA, Laura. História da Vida Privada. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

OLIVEIRA, Anderson Jose machado. Devoção Negra: Santos pretos e catequese no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Quarter: FAPERJ, 2008.

PINHEIRO, Áurea. Passos de Oeiras. Documentário Etnográfico. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro/Minc/IPHAN/Petrobrás, 2008.

PINHEIRO, Áurea. e MOURA, Cássia. Celebrações. Teresina: Educar artes e ofícios, 2009. Livro produzido via edital do Programa Monumenta/Iphan, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoio técnico da Unesco.

PINHEIRO, Áurea e MOURA, Cássia. Congos: ritmo e devoção. Documentário Etnográfico. Teresina: Educar artes e ofícios, 2009. Produzido via edital do Programa Monumenta/Iphan, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoio técnico da Unesco.

REIS, João José. A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

SOARES, Mariza de Carvalho. Devotos da Cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro- século XVIII. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2000.

TAVARES, Mauro Dillmann. Irmandades, Igreja e Devoção no Sul do Império do Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2008.